

JOÃO CABRAL  
DE MELO NETO  
engenharia literária

FRANCISCO JOSÉ RAMIRES

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2020*

# INTRODUÇÃO: UMA LEITURA DE JOÃO CABRAL, DE SEUS VERSOS

O trampolim ambíguo  
duas gentes o empregam:  
quem salta porque quer  
ou porque o rejeitam;  
e também outras duas  
se servem da balestra:  
a que volta e a que não,  
e se finge outras terras.  
(Mas essa prancha marca,  
qual gado que se ferra,  
em qualquer um que a salte,  
cicatriz que arde, interna)<sup>2</sup>.

Quando eu realizava pesquisa de mestrado a respeito dos camelôs na cidade de São Paulo, entre 1999 e 2001, a migração logo ganhou destaque como fato social determinante para a compreensão das condições de trabalho que definem a vida de homens e mulheres, crianças, jovens e adultos que, dia a dia, buscam sobreviver da venda de mercadorias nas vias públicas dessa imensa metrópole. As pessoas com as quais conversei ou haviam nascido em estados do Nordeste ou eram descendentes de outras que, em algum momento, realizaram longa jornada. Nesse sentido,

---

2. Trecho de “Descrição de Pernambuco como um trampolim”.

não havia como abordar essa forma de trabalho precário sem que os constrangimentos sociais, econômicos e políticos, favoráveis à formação dos movimentos migratórios, entrassem na construção da análise.

Durante o estudo, percebi que o uso da literatura seria apropriado, caso as obras entrassem como elementos constitutivos do exercício de interpretação das trajetórias de vida dos camelôs, ao lado e em diálogo com trabalhos acadêmicos e as entrevistas. Foi assim que alguns romances de Graciliano Ramos (destaque para *Vidas secas*) e poemas de João Cabral de Melo Neto (particularmente *O Rio e Morte e vida severina*) foram trabalhados na composição da tessitura do texto final da dissertação.

A partir dessa viagem, proporcionada pela leitura dos versos cabralinos, teve início um extenso (e truncado) processo de maturação da ideia a ser sugerida como tema de pesquisa de doutorado. O poeta pernambucano também foi migrante e a escolha de vir para o Rio de Janeiro muito contribuiu para viabilizar sua existência, longe da família e da terra natal. Isso sem falar em seu esforço de encontrar condições adequadas para a realização de carreira literária, projeto no qual ele despendeu muito tempo e energia no trabalho incessante de leitura e criação.

É claro que Cabral não foi migrante em condições idênticas às dos camelôs. Há similitudes, sim, mas as diferenças permitem falar que se trata de outro tipo de viagem, empreendida segundo intenções díspares e sob constrangimentos sociais que não são precisamente aqueles que recaem sobre os indivíduos provenientes das classes trabalhadoras. Dessa forma, a investigação recaiu sobre a articulação entre migração, literatura e sociedade, que ganhou contornos muito peculiares na vida e na obra desse poeta. Em seus versos, o abandono da terra de nascimento calou fundo em sua alma e foi incorporado aos mais recônditos interstícios de seus versos, assumindo ares de onipresença mesmo. João Cabral ganhou uma cicatriz interna e nisso ele se parece com qualquer viajante.

Assim, o texto que apresento ao leitor partiu da paixão pessoal que sinto todas as vezes que me debruço sobre a produção poética de um autor que não me canso de ler, em nenhum momento.



Em termos metodológicos, talvez o cerne do problema seja como construir uma possível abordagem para a análise interconexa da trajetória social e artística do escritor e de seus trabalhos literários. Disso decorrem algumas preocupações.

A primeira: construir um método de interpretação dos temas abordados por João Cabral de Melo Neto e das formas estéticas concebidas pelo escritor, a fim de cristalizar, em versos, suas intenções pessoais e suas concepções sobre o fazer literário.

Talvez seja necessário apurar um pouco mais essa afirmação, na medida em que tais ideias devem ser apreendidas em termos dinâmicos, tendo em vista que elas têm uma história, determinada pelos movimentos do artista e pelas relações sociais das quais participou. Além do mais, como se trata de um escritor, devemos levar em conta aquilo que podemos nomear socialização estético-literária, graças à qual João Cabral se posicionou (e foi posicionado) em relação à tradição já realizada, mas também frente à literatura que, institucionalizada e sujeita a mudanças estruturais, era (e é) constantemente recriada pela entrada de novos estetas e, indiretamente, por alterações sociais de maior envergadura, que extrapolam o meio artístico e sinalizam processos históricos de longo alcance.

Tal método deve propiciar leituras que permitam associar, aos poemas e ensaios estudados, elementos biográficos, sociais e estéticos graças aos quais ampliamos nosso olhar. Ampliação concebida como aumento da capacidade de interpretação, de aproximação e intimidade com o texto literário, para que esse olhar (mais acurado) nos devolva versos pensados como concretização de trabalho carregado de

determinações sociais que o autor, necessariamente, deixa em sua obra. Trabalho como mediação entre o autor e sua produção e, portanto, como dinamismo que propicia a sedimentação de sinais semânticos nas estruturas que conformam a literatura como instância da vida social e, portanto, impregnada de indícios da história em dado momento. Método que permite apreender as múltiplas camadas de densidade social do poema.

A segunda preocupação nos anima a evitar o pedantismo e o risco de ameaçar o prazer da apreciação do texto, traço tão importante para o desfrute literário. Nessa linha de raciocínio, não temos intenção de apresentar um esquema interpretativo excessivamente determinista, como se os poemas, que são respostas a certas condições de existência social e literária, fossem a única solução possível. Se os interpretássemos dessa maneira, reduziríamos o espaço de possibilidades no qual a literatura é constantemente reinventada. Se assim fosse, a leitura de um novo romance não nos surpreenderia mais. Arte é invenção e, como tal, carrega em si a faísca do inusitado.

Empiricamente falando, a investigação se valeu de correspondências trocadas entre João Cabral de Melo Neto e várias pessoas, escritores ou não; dos poemas e ensaios publicados pelo autor; de textos nos quais a apreciação crítica de sua produção foi apresentada. Tais fontes foram combinadas como ferramenta de leitura e interpretação, em sucessivas idas e vindas entre obra, poeta, sociedade. O resultado textual aqui oferecido foi concebido na busca pela similitude com o método do poeta, a fim de manter a análise bem próxima dos versos cabralinos, como se o estudo em questão fosse um dos níveis dessa densidade poética.

O trabalho foi composto em três capítulos, cuja sequência obedece à cronologia de publicação de três obras, sendo que os momentos em que vieram a lume podem ser usados na construção de olhar interpretativo sobre a formação literária do autor, em termos de sua criação e da percepção que tinha de si mesmo, em consonância e diálogo, direto ou indireto, com os julgamentos contidos na recepção crítica de seus

livros. Cada poema pode ser lido nessa perspectiva, levando-se em conta o momento em que foi criado e publicado, lado a lado com as respostas interpretativas que suscitou, no calor da hora ou posteriormente.

O primeiro capítulo é sobre o livro de estreia de João Cabral e sobre as críticas recebidas: *Pedra do sono*. O conjunto de poemas reunidos nessa publicação é dominado por temática onírica, noturna. Em versos, o aspirante a escritor explora poeticamente sua intimidade (o que nos leva à questão social e sociológica da identidade e da subjetividade), inscrita nos cômodos reclusos do lar, mas também no espaço urbano.

Seus versos são estruturados pela justaposição de palavras e imagens múltiplas, ora provindas de tradição popular, ora originadas nas experiências ligadas à socialização do autor em sua cidade natal: Recife, local de grande força histórica, econômica e cultural do estado de Pernambuco, já marcado, naquele momento (início dos anos 1940), por processos de modernização e metropolização. Seus versos apontam para o moderno e o provinciano e seus ritmos podem ser vinculados às temporalidades sociais nascidas das contradições inerentes às transformações sociais que anunciam o moderno, mas sem destruir completa e radicalmente as características forjadas na antiga ordem senhorial e escravocrata. Nesse verdadeiro caleidoscópio literário, sentimos que a leitura é rápida em certos poemas, quase narrativos. Todavia, não raro há uma desaceleração, na medida em que a estrutura dos versos reivindica olhar mais cadenciado: por vezes, o jogo das palavras se sobrepõe ao conteúdo veiculado pelos versos.

*Pedra do sono* tem coloração surrealista. Assim, a composição do livro é um capítulo da importação de um método de escrita concebido em território europeu. Mas não se trata de mera transposição. O método é retrabalhado arduamente, em sintonia com o contexto local. Importado e enriquecido, o surrealismo de João Cabral de Melo Neto é travejado pelo diálogo velado com tradição literária já construída e em construção, particularmente o regionalismo liderado por Gilberto Freyre. Diálogo no qual o grande problema enfrentado por Cabral não

era tanto o rol dos assuntos discutidos e abordados por Freyre e seus amigos, mas, sim, a forma e a técnica da escrita (o trabalho literário), na procura por liberdade necessária a exercício poético tão dissonante e inusitado. Como veremos, o surrealismo de João Cabral é uma forma de realismo em surdina.

O segundo capítulo põe no centro o livro *O engenheiro*, em articulação com a crítica produzida, sobretudo, por Sérgio Buarque de Holanda. Essa obra está em relação dialética de ruptura e continuidade com os poemas surrealistas de estreia. Nela, podemos depreender a radicalização do método contido em seu primeiro trabalho, o que confere ar de refinamento àquilo que era incipiente em *Pedra do sono*. Faz parte disso o abandono dos traços surreais e dos temas onírico e noturno. Mas há continuidade, no sentido de luta pessoal em prol da literatura como construção minuciosa, que se aproxima do trabalho de engenharia, governado pela mais acurada e atenta lucidez.

Lucidez que deve ser ressaltada como mapa do incômodo do autor com a tradição literária nacional, particularmente aquela dotada de contornos bacharelescos, enraizados nas elites senhoriais que deram sustentação à ordem colonial e escravocrata brasileira. Aliás, tradição não totalmente destruída em meio ao processo de constituição da ordem social competitiva. A despeito da descolonização, ela se alongava graças à combinação entre o arcaico e o moderno. Persistência tão bem analisada por Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes, dentre outros autores.

Em sua defesa da literatura como trabalho manual (modelagem poética das palavras), João Cabral de Melo Neto buscou distanciar-se de tais elites, no seio da quais havia nascido. Consequentemente, aproximou-se das classes trabalhadoras, mesmo ocupando uma posição diversa. Em seus versos, os cossacos de engenho, os cantadores populares e os trabalhadores urbanos e das usinas são alçados a posições de destaque, em exercícios literários de empatia e posicionamento favorável aos desfavorecidos, aos miseráveis, quase sempre representados

em movimento, pelas estradas ou acompanhando o fluxo das águas dos rios, em direção aos grandes centros urbanos. Em sua densa poesia, vislumbramos seu posicionamento político e o cultivo da sensibilidade necessária à identificação com os membros de classes sociais das quais o autor não proveio e às quais não pertencia. A poesia de Cabral tem sinais antropológicos que foram sendo constituídos na toada do desenvolvimento de sua obra.

Nesse sentido, a leitura de seus versos sugere que a dissolução da ordem senhorial e os movimentos migratórios eram interpretados como desafio para novos exercícios estéticos, assumidos como arma e forma de filiação política, ainda não totalmente clara nessa fase de sua vida. De quebra, ele estava empenhado na defesa de um novo “*status*” para os escritores, na medida em que o trabalho literário era destituído de toda aura ornamental (plumas), frequentemente usada como símbolo de distinção social e humilhação do homem simples.

O terceiro capítulo oferece uma possível leitura de *O cão sem plumas*, primeiro poema de temática claramente social, concebido quando João Cabral de Melo Neto já estava longe, em searas espanholas.

Ao contrário dos trabalhos até então publicados, temos agora um poema caudaloso, medida poética do saudoso Capibaribe. Nele, os movimentos migratórios, do sertão e da região das grandes usinas, em direção ao litoral, receberam tratamento artístico. Na cadência do rio, os versos deságuam em Recife e se abrem à vida dos homens pobres que habitam os inúmeros mocambos, nas regiões dos mangues. Em seus versos, o autor esforçou-se, meticulosamente, na apreensão estética da espoliação social e econômica, que corrói por dentro a vida de homens e mulheres pertencentes às classes trabalhadoras.

Aos princípios construtivistas anteriormente empregados e ainda presentes nesse trabalho, Cabral associou inspiração materialista, na qual a relação entre ser humano e natureza configura o nó górdio que faz do trabalho a mediação determinante da vida e da história. De ponta a ponta, seus versos são prenes de historicidade, movimento e



possibilidades de transformação, nascidos do embate entre forças sociais provenientes de classes distintas e conflitantes.

Mas agora, seu *O cão sem plumas* também é carregado de novos recursos estilísticos, com destaque para a humanização do rio (narrador dessa saga) e de um cão, e a animalização do homem. Tudo isso usado com a intenção de, mais uma vez, dar prosseguimento a seu diálogo crítico com a perspectiva histórica “gilbertiana” e seu método de escrita. Distanciamento de Freyre acompanhado de aproximação de Josué de Castro. O poema é forte, as imagens sucedem umas às outras e exigem, do leitor, um grau de atenção hercúleo, tendo em vista que nossa sensibilidade é estimulada até níveis aos quais não estamos acostumados. Bela provocação estética a serviço da indagação política sobre projetos futuros de sociedade, capazes de assegurar um mínimo de dignidade aos deserdados da história. Em João Cabral de Melo Neto, o escrutínio do passado, realizado a partir do trançado entre história e biografia; a construção de saber poético sobre o presente e as possibilidades de vida futura, concebida como esforço diariamente reposto de emancipação humana, dão a medida da profundidade de sua engenharia literária. Diante dela, minha interpretação é apenas um croqui.



Já se vão muitos anos desde a decisão de escrever um trabalho a respeito de João Cabral de Melo Neto, escritor que descobri tardiamente, quando eu já cursava Ciências Sociais, em São Paulo. Nesse percurso temporal e acadêmico, muitas foram as pessoas encontradas e cada uma, à sua maneira, teve papel especial na elaboração deste livro, agora em sua segunda edição. Assim, mencionarei aquelas que, julgo eu, estiveram mais próximas de todo o processo de investigação, análise e escrita, e da transformação editorial da tese de doutoramento em livro.

Minha gratidão primeira vai para os professores Mauro Luiz Rovai, Fernando Antônio Lourenço, José Carlos Bruni e Maria Arminda do



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2020.

---